

O valor dos valores

O João e o António eram dois adolescentes iguais a tantos outros da sua idade. Frequentavam o terceiro ciclo de escolaridade e tinham os mesmos gostos e preferências que a maioria dos jovens desta faixa etária: videojogos, futebol e saídas com os amigos.

Tinham crescido juntos, pois moravam na mesma terra. Havia frequentado a mesma escola do primeiro ciclo, tinham-se inscrito nos escuteiros e no clube de futebol da zona, ao mesmo tempo, e, nessa altura, partilhavam todas as horas livres, estando sempre juntos, como se nunca se cansassem da companhia um do outro.

Qualquer problema que um tivesse, o outro era o primeiro a saber e a procurar ajudá-lo na sua resolução. Quando acontecia algo de bom a um, o outro ficava logo a saber antes de qualquer pessoa e iam logo comemorar juntos. Tudo lhes parecia mais bonito por terem a companhia e a presença do outro. Era como se cada um despertasse no outro o seu lado mais luminoso, mais bondoso, mais feliz! Podíamos dizer que eram amigos inseparáveis, daqueles que acharíamos que ficariam juntos para toda a vida, a viver numa linda partilha, num belo equilíbrio entre o dar e o receber, de coração aberto, a enfrentar o dia a dia, lado a lado, de sorriso no rosto.

Todavia, por incrível que pareça, isso não aconteceu! Um dia, zangaram-se profundamente, durante o segundo ciclo, e disseram coisas muito feias e amargas um ao outro, esquecendo-se dos laços especiais que os uniam. Se lhes perguntassem afinal o que tinha acontecido, eles já não saberiam responder, pois já haviam passado vários anos, tinham esquecido o motivo inicial da disputa, mas a mágoa e o ressentimento continuavam lá, apesar de as pessoas os tentarem ajudar a reconciliarem-se e a esquecer toda essa negatividade.

Onde quer que estivessem juntos, sentia-se a tensão entre eles, criando-se um ambiente desagradável à volta. Efetivamente, faziam comentários desagradáveis dirigidos um ao outro e insultavam-se com frequência, o que já lhes havia trazido dissabores nas atividades que frequentavam e até faltas disciplinares na escola.

Mas quem diria que duas pessoas tão amigas pudessem se transformar tão radicalmente? Para pior, entenda-se, pois nenhum deles se sentia bem com esta situação, mas também não estava disposto a perdoar, porque ambos estavam dominados pelo orgulho e pela convicção de que cada um é que estava certo e o outro errado, por isso não queriam nem sequer ouvir falar de reconciliação.

Na verdade, as pessoas que com eles conviviam achavam que, com o tempo, iam sentir a falta um do outro e esquecer esta briga estúpida, valorizando a amizade que tinham acima de tudo. No entanto, isso não aconteceu e estes dois rapazes, que tinham bom coração e ajudavam toda a gente, tinham-se esquecido de se ajudar a si próprios e, relativamente a este assunto, alimentavam, dentro de si, o seu lado menos luminoso, menos bondoso, menos feliz! Era como se guardassem neles um veneno que os amargurava, mas do qual não conseguiam libertar-se. Por isso todos já tinham desistido de os ajudar a reconciliarem-se, uma vez que não viam da parte deles qualquer tipo de abertura para esse efeito.

O tempo ia passando e cada um dos rapazes seguia a sua vida, com novos colegas, novos amigos, namoradas, mas, no fundo, não tinham ainda encontrado ninguém que ocupasse no seu coração o lugar do outro. Mas a vida era mesmo assim e preferiam não pensar muito no assunto, porque isso os magoava.

Com efeito, estes jovens referiam «varrer o lixo para debaixo do tapete», se é que me entendem, fugindo do assunto, como se não existisse, em vez de encarar a situação de frente e a resolver de vez. Se ficassem em paz com isso era uma coisa. O problema é que, quando estavam sozinhos, à noite, no seu quarto, raro era o dia em que não pensavam no outro. Davam por si a interrogar-se se o outro também se lembrava de certas coisas que tinham vivido juntos, se estava bem e, quando algo acontecia, bom ou menos bom, ainda tinham uma réstia de esperança de que o amigo viesse ter com ele, para o felicitar ou consolar, consoante o caso. Na verdade, cada um acalentava em si, secretamente, o desejo de que o outro o procurasse para fazer as pazes e assumir que tinha procedido mal.

Um dia, os rapazes participaram numa atividade promovida por uma associação local para a angariação de fundos para ajudar as famílias carenciadas, pois era quase Natal e, nesta altura, todos os anos, parece que as pessoas ficam mais generosas e conseguem melhor pôr-se no lugar do outro, principalmente do que sofre ou passa necessidade.

A atividade consistia num *trail* de bicicleta numa serra vizinha e logo nela se inscreveram, pois, apesar de afastados, continuavam a ter gostos em comum e não abdicavam do que gostavam pelo facto de o outro estar presente.

Tudo estava a correr bem, mas quis o acaso que um deles se distraísse e tocasse acidentalmente no outro, o que o fez desequilibrar-se e quase cair. Mais uma vez, explodiram em insultos e resolveram ficar para trás e resolver isto, de uma vez por todas, pois estavam cegos de raiva. Quando desceram das bicicletas, em vez de falarem, começaram a empurrar-se descontroladamente, saindo do trilho da estrada. Ora, no local onde se encontravam havia antigos poços de minas, cobertos de vegetação, apesar de sinalizados. Quando deram por si, já um deles havia caído num. Era o António, que, felizmente, conseguira agarrar-se a uns arbustos, mas gritava, aflito por ajuda, pois não sabia quanto tempo ia aguentar-se. Só pedia ao amigo que não o deixasse por nada deste mundo! O João, desesperado, procurava agarrá-lo, mas não o conseguia alcançar. Tentou pedir ajuda pelo telemóvel, mas naquela zona não havia rede e começou a temer o pior. No entanto, acalmou-se e tentou reconfortar o amigo, garantindo-lhe que não arredaria pé dali, que nunca o abandonaria! A sua esperança era que alguém desse por falta deles e voltasse atrás para os procurar, mas poderia ser tarde demais, pois o António estava a ficar cansado e, a qualquer momento, podia cair e não sabíamos até que profundidade! Nesse instante, o João só quis que ele soubesse o quanto gostava dele e quanto sentira a sua falta, ao que o amigo respondeu o mesmo. Assim, foi-lhe dando ânimo para que aguentasse, lembrando-o da força da sua amizade que, apesar de ter andado todo este tempo escondida, nunca tinha cessado! Parecia até que o João estava a agarrar-se por ele, pela intenção genuína de o ajudar e pela força do seu pensamento solidário!

Estávamos em meados de dezembro e, apesar de haver sol, estava um dia muito frio. O João, olhou para a natureza circundante ainda enregelada e viu os raios de sol a brilhar sobre as plantas e veio-lhe à cabeça a imagem de Deus, que não sabia bem porquê, desde pequenino, sempre imaginara como um grande Sol radioso. Apesar de não gostar muito de ir à catequese, lembrava-se de alguns ensinamentos que lá escutara, como a frase «Pedi e recebereis!», e, de repente, deu por si a pedir ajuda a Deus para salvar o seu melhor amigo, enquanto as lágrimas lhe escorriam pelo rosto! Nesse instante, como que por magia, ocorreu-lhe tirar a roupa e começar a atá-la para fazer uma corda e assim o fez rapidamente. Ainda bem que ouvira a mãe e viera bastante agasalhado para esta atividade. As mães realmente são seres sábios e maravilhosos! Às vezes, parece que têm um dedo que adivinha!

Assim que a corda improvisada ficou pronta, lançou-a ao amigo e, milagrosamente, foi suficiente para o alcançar e aguentar o seu peso. Assim, içou-o e, logo que ficou em segurança, deram um longo e sentido abraço, com as lágrimas a escorrer pelas faces, em silêncio, pois não era preciso dizer mais nada, o coração tudo sabia! O António estreitou aquele amigo seminu contra o peito, para o aquecer. Acabara de ser salvo não só do poço da mina, mas sobretudo do poço da escuridão em que vivia, recuperando a alegria e a esperança! O lado luminoso, bondoso e feliz de ambos brilhava como nunca!

E, assim, os dois amigos fizeram as pazes e juntaram-se ao grupo, sem nunca revelarem o que lhes acontecera. Quando interrogados acerca da sua reconciliação repentina, chamaram-lhe apenas um «milagre» de Natal e sentiram que tinham acabado de receber a melhor prenda do mundo!

Sandra Sousa